

RESISTÊNCIA CULTURAL E IDENTIDADE: um olhar sobre a cultura material

Krikati (Crêhchteh)

Nijma de Oliveira Mahmudⁱ

RESUMO: O presente artigo é composto pelo estudo do artesanato das índias da etnia Krikati. A Terra Indígena Krikati (Põo Cati Ji) mais especificamente a Aldeia São José está localizada no município de Montes Altos - MA, a sudoeste do estado. O povo Krikati pertence à família Timbira, tendo como tronco linguístico - macro- Jê, sendo reconhecidos entre os outros povos Timbira como o Povo Guerreiro. A Aldeia São José hoje possui cerca de 1200 pessoas. O objetivo é compreender o papel do artesanato da mulher Krikati, como formador de identidade cultural, perceber a interferência do não índio (cohpẽ) na cultura material Krikati através dos processos de Endoculturação e Transculturação e analisar a contribuição do artesanato e dos adereços como meios de resistência. Enfocando com isso os conceitos de identidade, cultura matéria, endoculturação e transculturação.

Palavras-chaves: Resistência, Cultura Material, Identidade.

Os caminhos das roças são sempre largos e limpos, para que as mulheres posam passar livremente com seus cestos de carga. (SCHADEN, 1976)ⁱⁱ

Percebendo a importância indígena para a sociedade, com intuito de discutir a função social da mulher (cah̃j)ⁱⁱⁱ Krikati, levando em consideração as formas em que esta valer a resistência cultural, identidade e a cultura material, ou seja, as formas que a mulher Krikati (Crêhchteh) usa para resistir a interferência direta do não índio (cohpẽ) na Aldeia e fortalecer a cultura indígena. Escolhemos para foco de estudo a artesanato (h̃y'hyhz̃y) da mulher Krikati.

Buscamos com o trabalho responder curiosidades anteriores à pesquisa, além de questionamentos que surgiram com o decorrer do trabalho. Dentre tais questionamentos podemos destacar alguns como: as formas de resistência, o papel da mulher na sociedade indígena, a função do artesanato, os saberes e fazeres, aspectos rituais, tradicionais e econômicos do artesanato entre outros dentro do grupo Krikati.

Partindo da negação da existência do Índio Genérico citado por Darcy Ribeiro^{iv}, no qual o índio possui um estereótipo e sem interferência do não índio, já que são inegáveis as trocas entre as culturas distintas, índio e não índio. Para que haja algum tipo de resistência, seja ela qual for, é necessário que haja alguma ameaça. Percebendo que a interferência do não índio representa uma ameaça à cultura material, identidade e tradição indígena, que nos propomos a analisar os artifícios que as mulheres índias possuem para resistir a tais ameaças.

Krikati (Crêhchteh)

Encontram-se ao Sul do Maranhão, pertencentes à família Timbira, possuindo o tronco linguístico Macro-Jê. Estão localizados entre as cidades de Montes Altos, Sítio Novo e Amarante, na macro região de Imperatriz, mais precisamente na região de Sertão a sudoeste do Estado. Divididos atualmente em três aldeias: São José, Raiz e Jerusalém, sendo que a Aldeia São José é a matriz, hoje possui cerca de 1200 índios. Krikati (Crêhchteh) significa “aqueles da aldeia grande” e são reconhecidos pelos outros povos Timbira como Povo Guerreiro (FONSECA *apud* Barata, 1981)^v.

Identidade, Endoculturação, Transculturação, Cultura Material

Antes de adentrar as formas de resistência de fato é preciso que se façam algumas discussões acerca de Identidade, Endoculturação, Transculturação, Cultura Material e da própria Resistência Cultural.

Hall faz uma análise do processo evolutivo da Identidade ao longo do tempo. De acordo com este, as concepções de identidade se dividem em três sujeitos e épocas distintas. O primeiro é o sujeito do Iluminismo onde a identidade se consistia da própria pessoa, identidade estável. O sujeito sociológico ainda possui a relação individual, porém sua identidade já é modificada através do diálogo com o meio. O sujeito pós-moderno está enraizado no grupo, possuindo identidade móvel. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1990. p.12)^{vi}.

Em oposição às sociedades modernas, as sociedades tradicionais mantêm-se fechadas:

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GILDDENS *apud* HALL, 2006, p.14).

Com isso podemos afirmar que a sociedade indígena é uma sociedade mista, pois está inserida na sociedade moderna, já que não é fechada, porém conserva aspectos relevantes das

sociedades tradicionais, pois preservam particularidades tradicionais como é o caso da estrutura da sociedade indígena, onde ainda possui a figura do Cacique (Me'crÿ rōhn cati ji) como guia ritual e político da tribo.

A manutenção desta raiz na sociedade tradicional se dá pelo processo de Endoculturação, já que é através dele que os indivíduos aprendem a se comportar de acordo com os costumes em um processo de aprendizado, no qual influencia o comportamento do ser no grupo, este processo também pode ser chamado de socialização. Com exemplo podemos observar o papel diferenciado da mulher e do homem na sociedade indígena, os mais novos não seguem o costume apenas pelo fato de serem diferentes biologicamente, seguem porque aprendem desde pequenos como devem agir. As pessoas agem de acordo com os seus padrões culturais, é a reprodução do meio em que foi socializado.

A mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, dotada apenas da capacidade ilimitada de obter conhecimento, através de um processo que hoje chamamos de endoculturação. (TYLOR *apud* LARAIA, 2003)^{vii}.

Transculturação se caracteriza pelo intercâmbio, transição ou passagem entre culturas, porém este processo deve ser desassociado de perda ou enfraquecimento, como Bernd (2002)^{viii} salienta a transculturação proporciona o surgimento de novos produtos culturais. Não ocorrendo o surgimento de uma nova cultura.

A cultura material é compreendida em suma, segundo Bucaille e Peséz (1989, p.626)^{ix} como os produtos e utensílios produzidos pelo homem, como os diversos tipos de técnicas, não considerando os aspectos simbólicos dessas atividades.

Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo é utilizada para: "apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão do seu mundo", (MALINOWSKI, 1978, p.33-34).^x

O método mais utilizado para tal processo de aprendizagem é a etnografia que segundo Malinowski:

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, suas fontes de informação são, indubitavelmente enganosas e complexas, não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos, (MALINOWSKI, 1978, p.18-19).

Observou-se com a pesquisa de campo, que a endoculturação atua como fortalecimento de identidade e cultura indígena, já que as crianças até os sete anos de idade são educadas na língua matriz, no caso o tronco linguístico Macro-Jê. Porém não são obrigadas a participarem da fabricação do artesanato.

Nem mesmo as mulheres adultas possuem essa obrigação, são transmitidas a elas as técnicas necessárias para a fabricação dos artefatos, é uma decisão própria seguir com a tradição ou não. Percebeu-se, porém que, na idade adulta as mulheres demonstram o interesse em prosseguir com a tradição da fabricação do artesanato, isso faz com que a cultura não enfraqueça apesar da interferência do não índio.

Tal interferência se dá pela transculturação que é processo onde ocorrem às trocas entre diferentes culturas, é o que acontece entre o índio e o não índio. O não índio está integrado na sociedade indígena, porém isso não a destrói, o que ocorre é uma adaptação a nova realidade.

A adaptação está presente no artesanato, antes do não índio a Tarrafa (Cryh), instrumento de pesca feminina, só era fabricada com a fibra do buriti (Fii crow) e com fibra do tucum (humiêh) hoje ela é fabricada também com a linha industrializada. A tradição de pescar com a tarrafa foi mantida, porém a matéria prima sofreu modificações. A técnica que caracteriza o artesanato Krikati continua a mesma.

Cultura Material serve como uma linguagem visual, reforçando a etnicidade do grupo. Trançar (hý'hêhc) a fibra, a palha do buriti (crow hu) e fibra do tucum (humiêh) é comum em diversas etnias indígenas, porém a forma de fazer (técnica) é diferente, sendo possível identificar o artefato de cada etnia através do trançado. Tornando aquele saber e fazer

característico da identidade do grupo. A história do cotidiano resulta quase sempre, segundo o autor da eclosão de um certo olhar etnológico. (LE GOFF, 1986: 74)^{xi}

Quando se pensa em qualquer forma de resistência, vem logo a cabeça a idéia de luta, porém quando se fala em resistência cultural as formas de combate são outras. A resistência cultural é uma forma de manter viva uma cultura devido a interferência de outras culturas.

Um exemplo concreto da resistência na cultura indígena é a pesca da mulher com a tarrafa (Cryh) e do homem com a fecha (crohw), apesar de já conhecerem outras técnicas para pesca ainda continuam utilizando a forma tradicional. Outra forma de resistência cultural encontrada na pesquisa de campo é o uso do pacará (caj) e do cofo (cýyhýy), instrumentos para carregar ou guardar alimentos ou objetos. Na própria aldeia existem vasilhas de plástico e alumínio, porém a tradição do uso dos instrumentos de palha resiste à chegada da “modernidade”.

Com a pesquisa de campo percebemos que o artesanato segue o calendário indígena, ou seja, “é tempo de que?”, não possuem um calendário institucionalizado, o calendário Krikati segue as estações do ano e o artesanato segue essa linha.

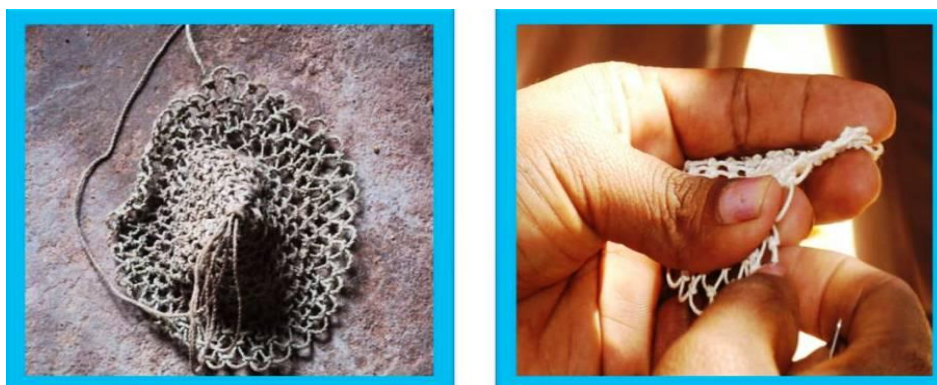
Para tornar o trabalho mais linear decidimos escolher 3 (três) utensílios: pacará (caj), o cofo (cýyhýy) e a tarrafa (cryh). O pacará e o cofo apesar de terem a mesma utilidade e serem fabricados com a mesma matéria prima nos chamaram atenção pelo fato do trançado ser diferente de um para o outro, já a tarrafa foi escolhido por ser um utensílio exclusivamente feminino e ter sofrido o processo de transculturação. Como podem ser exemplificado nas seguintes imagens^{xii}:



COFO (cýyhýy). Fonte: MAHMUD, Nijma de Oliveira (nov. 2011)



PACARÁ (caj). Fonte: MAHMUD, Nijma de Oliveira (jul e nov. 2011)



TARRAFA (cryh) – Início da Tarrafa com a fibra do tucum (humiêh) e com a linha industrializada. Fonte: MAHMUD, Nijma de Oliveira (jul e nov. 2011)



TARRAFA (cryh). Tarrafa pronta feita com a fibra do tucum (humiêh). Fonte: MAHMUD, Nijma de Oliveira (jul e nov. 2011)

O artesanato é dividido segundo sua função, existem os rituais como o maracá (cu'týj) e os utilitários como o pacará (caj). Para a pesquisa foi escolhido somente os utilitários, já que para pesquisar um artefato ritual seria necessário estudar o ritual para assim perceber a importância de tal instrumento para o ritual e para a o grupo.

A mulher possui uma importância ímpar na sociedade indígena, dentre vários motivos o que nos interessa no momento é o fato dela produzir praticamente todos os utensílios do dia a dia, dos rituais, adereços corporais decorativos e instrumentos de proteção como é o caso das pulseiras vermelha (para espantar o mau olhado) e a preta (para espantar os maus espíritos) que as crianças usam enquanto não começam a andar.

Com o processo de interferência do não índio na aldeia o artesanato passou a ter outra característica além de ritual e utilitário, passou a ter caráter econômico através da comercialização dos artefatos dentro e fora da aldeia. Outra característica da transculturação, já que há trocas entre culturas distintas.

O artesanato não é exclusivo das mulheres, porém em maioria é feito por elas. Com isso percebemos a grande importância tanto da mulher quanto do artesanato para a sociedade indígena, no nosso caso o Povo Krikati- Crêhchteh da Aldeia São José. Tornando-se um instrumento de Identidade e foco de Resistência Cultural.

ⁱ Graduada pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

ⁱⁱ SCHADEN, Egon. *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1976, p.49.

ⁱⁱⁱ Palavras entre parênteses estão escritas na língua indígena.

-
- ^{iv} RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1922, p.12-150.
- _____. *O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p.10-122.
- _____. *Os índios e a civilização: Integração das populações no Brasil*. São Paulo: companhia das letras, 1996, p.8-100.
- ^v FONSECA, Karilene Costa. Monografia: *Wý'tý Crêhchteh : uma análise da participação da criança no ritual*. Apresentado para Universidade estadual do Maranhão, 2011,9-60.
- ^{vi} HALL, Stuart. *A identidade na pós modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- ^{vii} LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- ^{viii} BERND, Zilá. *Deslocamentos conceituais da transculturação*. In: **Projeto transculturalismos / transferências culturais** – ICCS-CIEC (International Council of Canadian Studies), 2002.
- ^{ix} BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. *Cultura Material*. In: Enciclopédia Einaudi. **Portugal: Imprensa Nacional**: Casa da Moeda, 1989. v. 16, p.11-47.
- ^x MALINOWSKI, Bronisław. *Argonautas do pacífico ocidental*, In: **Os pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. p.18-19.
- ^{xi} LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992.
- ^{xii} Imagens tiradas na Aldeia São José no município de Montes Altos – MA.